



O Butantan: uma das piores crises em seus 90 anos de existência por falta de definição política para investimentos.

Produção deficiente de vacinas já não consegue suprir as necessidades do País

A maior fábrica de soros do mundo — o Instituto Butantan está com a produção virtualmente paralisada, comprometendo drasticamente a distribuição desses produtos pelo Ministério da Saúde. Os números falam por si: no ano passado, o Butantã produziu 364.705 ampolas de soros; este ano, até o último dia de junho, só conseguiu fazer 30.900. Em relação às vacinas a situação não é melhor: 16.631.888 doses de vacinas em 1989 e apenas 3,6 milhões no primeiro semestre de 90. “Sem uma injeção vigorosa e imediata de verba a meta deste ano estará definitivamente prejudicada”, diz o professor Isaías Raw, uma dos mais brilhantes cientistas brasileiros, diretor do Centro de Biotecnologia do Instituto Butantã e responsável principal pela produção industrial dos soros e vacinas.

Isso significa, concretamente, que o único comprador desses produtos essenciais — o Ministério da Saúde — não terá vacinas e soros suficientes para distribuir aos postos de atendimento médico em todo o País. O Butantan produz 60% dos soros e 25% das vacinas utilizadas pela população. São 16 tipos de soro (nove deles para picadas de cobras, os antipeçonhentos) e 18 tipos de vacina

— BCG, tríplice, contra a cólera, sarampo, febre tifóide, varíola, tétano e raiva, entre outros. “Nesses últimos seis meses nem o governo federal nem o estadual colocaram um cruzeiro de capital no Instituto Butantan — à exceção das instalações para a produção para a vacina contra o tétano”, lamenta o professor Raw.

O estancamento no setor de pesquisa e produção de vacinas e soros é apenas o lado mais cruel da crise que o Butantan está enfrentando, uma das piores dos seus quase 90 anos de existência. Além de enfrentar os problemas de todos os outros 16 institutos de pesquisa do Estado — salários baixos e defasados em relação a outros órgãos estaduais, ausência de um quadro de carreira, evasão de pessoal, obsolescência e falta de manutenção dos equipamentos, prédios em condições precárias — o Butantan, ligado à Secretaria de Estado da Saúde, tem um lado peculiar. Ao contrário dos demais institutos, ele vivia uma situação privilegiada: recrutou cientistas experimentados, criou o Centro de Biotecnologia para desenvolver novos métodos de produção de soros e vacinas, teve apoio financeiro da Finep e do Banco Mundial, e ganhou apoio político com a

definição do novo governo em tornar o Brasil auto-suficiente na produção de imunobiológicos. “Agora, por falta de uma definição política que mantenha a continuidade dos investimentos minimamente necessárias, tudo isso fica ameaçado”, diz o professor Raw.

Foi ele o responsável principal pela criação do Centro de Biotecnologia — a ponta de lança de modernização do instituto. O prestígio de Raw — que morou 11 anos nos Estados Unidos, exilado, e lecionou em três universidades norte-americanas — conseguiu atrair para o Butantan sete pesquisadores “feras”, com doutorado no Brasil e treinamento no Exterior. “É um pessoal fundamental, os melhores que consegui”, diz o professor. “O problema é que eles estão ganhando 50% do que paga a universidade, e estão pretendendo largar o Instituto.” Já foi o caso da bióloga Aline Silva — justo a que iria liderar um projeto de pesquisa para a vacina contra a meningite B, aquela que o Brasil está comprando de Cuba. O próprio Raw, por exemplo, tem um salário básico de Cr\$ 108.786,98 — quando poderia estar ganhando 8 mil dólares mensais no Exterior. A questão pessoal/salários abrange toda as

categorias profissionais do Butantan. “Todos os dias perdemos funcionários antigos e treinados e não conseguimos atrair novos”, diz Raw. O órgão tem cerca de mil funcionários — e 300 vagas em aberto. “É impossível manter um nível qualificado de desenvolvimento e produção, sem um nível que mantenha no Instituto os funcionários mais bem preparados”.

Algumas situações do Centro de Biotecnologia ilustram o tamanho da crise. Está lá, por exemplo, sem utilização, um fermentador americano com um tanque de 250 litros, necessário para a produção de uma vacina contra a coqueluche de melhor qualidade. O fermentador, encomendado há três anos, chegou há seis meses — mas até agora não existe verba disponível para a sua montagem. Em outro local do Instituto — a fábrica de soros — a câmara frigorífica está cheia de bolsas com plasma sanguíneo (a matéria prima do soro, extraída do sangue de cavalos inoculados com substâncias venenosas). Mas não há produção. De resto, o Butantan, cujos funcionários saíram de uma greve sem conquistas efetivas, vive um clima de desolação. “Não há estímulo”, diz o professor Raw.